

Brasil

Imigrante no sul do país

Willems embarcou em 1931 rumo ao Brasil a bordo do navio *Antônio Delfino*.¹ Partindo de Hamburgo com destino a Santos, Willems teve, depois de três semanas de viagem, a primeira visão do país no qual residiria pelos próximos dezoito anos. Após uma breve passagem pelo Rio de Janeiro, com a visão de suas montanhas e da Baía de Guanabara, o navio atracou em Santos, onde um padre da congregação na qual Willems iria lecionar (provavelmente a Sagrado Coração de Jesus) o aguardava para realizar os trâmites legais de imigração. Depois de um breve período em Santos, Willems embarcou em um pequeno barco costeiro que o levaria até o porto de Itajaí (SC), onde um pequeno caminhão o esperava para levá-lo a seu destino final, Brusque.

Willems (1993, p. 13) afirmou não se lembrar de sua primeira impressão da cidade, mas relatou o grande alívio que sentiu, livre das pressões, e que a vida se mostrou subitamente fácil e descomplicada. Sua única saudade era Hilda, que dentro de alguns meses se juntaria a Willems

1 *Antônio Delfino* era uma das três embarcações da companhia Hamburg-Süd (HSDG) que desde 1921 realizava o transporte de passageiros entre a Alemanha e o Brasil. Junto com os navios *Cap. Polônio* e *Cap. Norte*, o *Antônio Delfino* realizava o percurso da cidade alemã de Hamburgo com destino a portos de cidades brasileiras, como Rio de Janeiro e Santos, ao longo da década de 1920 e 1930.

em Brusque, quando o casal, longe do fervor religioso da família e das complicações políticas da Alemanha, poderia finalmente se casar.

O estabelecimento do casal em Brusque foi uma forte virada no padrão de vida a que estavam acostumados na Alemanha, mesmo com a forte crise financeira que o país vinha passando. Em sua autobiografia de 1993, Willems descreve uma série de mudanças em sua vida ao se estabelecer no sul do Brasil e que contrastavam com a vida que tinha nas classes médias alemãs. A casa cheia de baratas na periferia de Brusque, as mudanças de hábitos alimentares e na preparação do alimento, a forma de cozinhar com fogão à lenha que forçou Willems a comprar um machado para cortar lenha, a falta de água encanada, entre outras mudanças no modo de vida do casal, marcaram os primeiros anos em terras brasileiras. Mas mesmo com essas mudanças, o tom dado por Willems a esse período é de satisfação. Satisfação por poder se casar com Hilda e iniciar uma nova vida, satisfação por descobrir que lecionar era a profissão que lhe agradava, satisfação por se afastar no nacionalismo alemão.

As primeiras publicações de Willems no Brasil remontam a esse período. Enquanto professor na cidade, lhe foi sugerido que escrevesse sobre a história da região. Willems não prosseguiu com a ideia, mas com uma pesquisa inicial escreveu o seu primeiro artigo no e sobre o Brasil. Em relato autobiográfico, Willems (1983, p. 5) atribuiu a Brusque o interesse em suas primeiras pesquisas:

Originalmente colônia agrícola alemã e, mais tarde, diversificada por imigrantes italianos e alguns de nacionalidades várias, Brusque oferecia o cenário de uma população em pleno processo de aculturação. Achei fascinante a experiência e converti-me, quase imediatamente, em “observador participante”.

Apesar dos maiores estudos de Willems sobre a assimilação e aculturação dos imigrantes alemães terem sido publicados na década de 1940, o autor

atribui retrospectivamente ao seu período em Brusque a responsabilidade por seu interesse no tema. De fato, seu primeiro artigo versando sobre os problemas da imigração alemã para o Brasil foi publicado em 1934, um artigo na revista francesa *Revue Internationale de Sociologie*, escolha essa tomada pela ascensão do nacional-socialismo alemão nas revistas do país.

Naquele ano, Willems tomou conhecimento de um novo ginásio que seria aberto em Jacarezinho (PR). A nova escola, organizada por membros de uma ordem religiosa, seria a primeira escola secundária da região. O professor, que desde o ano anterior procurava um emprego melhor na educação secundária, realizou os exames de revalidação junto ao Ministério da Educação, necessários à época para poder lecionar no ensino secundário. Em Brusque, por lecionar numa instituição confessional, o registro junto ao ministério não era necessário, mas, para se tornar professor ginásial, era preciso realizar os exames para se habilitar. E foi em Jacarezinho, com o intuito de melhorar o seu português, e aproveitando sua formação em economia, que publicou seu primeiro livro no Brasil, iniciado alguns anos antes, *Elementos de história geral da economia* (Willems, 1936), espécie de manual de introdução para estudantes secundários.

Em 1936, Willems conheceu Antônio de Sampaio Doria, professor de direito na Universidade de São Paulo e dono de um prestigiado colégio particular paulistano e de plantações de café no Paraná. Willems conseguiu uma entrevista com Doria e foi contratado para lecionar francês e inglês no Liceu Rio Branco, em São Paulo, partindo com a família para a capital paulista. Se sua trajetória alemã foi caracterizada pela mudança de uma vila camponesa para uma cidade grande e, em seguida, para uma das metrópoles mais pulsantes da Europa, no Brasil Willems passou por um movimento semelhante, seguindo de uma pequena cidade para aquela que nas décadas seguintes seria a cidade de maior crescimento no mundo.²

2 Na década de 1950, o slogan corrente em São Paulo era “A cidade que mais cresce no mundo” e a comparação com o crescimento da cidade de Chicago, →

Rumo a São Paulo

Em São Paulo, Willems passou a fazer parte de um círculo social composto por professores universitários. Dentre os novos contatos, Willems (1983, p. 6) ressaltou “dois homens cuja amizade e influência intelectual contribuíram imensamente para o [s]eu próprio desenvolvimento: Fernando de Azevedo e Herbert Baldus”. Fernando de Azevedo, diretor do Instituto de Educação, curso específico para professores secundários e que passou a fazer parte da Universidade de São Paulo e incorporado pela FFCL, convenceu Willems a participar de um concurso no instituto, no qual este defendeu a tese de livre-docência *Mobilidade e flutuação das profissões no Brasil e o problema educacional* (Willems, 1937). Desde a criação da universidade, em 1934, cabia aos alunos da FFCL o cumprimento de aulas no Instituto de Educação, curso que antes estava ligado à Escola Normal da Praça da República,³ cujo objetivo seria a formação pedagógica em nível universitário. Entre 1936 e 1938, “foi das mais intensas a colaboração entre a Faculdade e o Instituto de Educação, onde os licenciados, simultaneamente com o último ano de curso da Faculdade, frequentavam as aulas que lhes dariam o diploma de professor secundário” (Anuário [...], 1953a, p. 14).

Esse período como professor secundário e do Instituto de Educação é fundamental, não só por fornecer a Willems o contato com a academia e com a intelectualidade paulista, mas também por ser revelador do movimento educacional naquele momento, intimamente ligado ao desenvolvimento das ciências sociais. Além disso, constava no decreto de criação

→ ocorrido também de forma acelerada algumas décadas antes, era recorrente. A população paulistana, que segundo o IBGE era em 1940 de 1.326.261 pessoas, passou na década seguinte a 2.198.096 habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010).

3 O Instituto de Educação Caetano de Campos era localizado na Praça da República e era conhecido como Escola da Praça. De 1938 a 1947 foi ali que a FFCL foi formada, mudando para a Rua Maria Antônia em 1947.

da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras como uma das finalidades da instituição, “preparar candidatos ao magistério do ensino secundário, normal e superior” (São Paulo, 1934).⁴ Desde o início da Universidade de São Paulo, o Instituto de Educação era um dos alicerces do projeto acadêmico da instituição. Era a formação de professores em nível universitário que regia a atuação da recém-criada universidade. Da mesma forma, a “revolução normalista”, em que intelectuais como Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, por exemplo, implementaram o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, trazia ao campo educacional brasileiro a “imposição da sociologia como matéria obrigatória na formação dos professores primários e secundários” (Corrêa, 2013, p. 81). Nesse sentido, a figura de Fernando de Azevedo⁵ à frente do instituto e da cadeira de Sociologia Educacional constituía uma iniciativa fundamental para a formação de cientistas sociais em São Paulo.

Conforme aponta Limongi (1989, p. 129) sobre a relação entre o movimento educacional paulista e a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, existiria uma continuidade dos projetos educacionais que se iniciaram com o projeto de Doria na criação da Faculdade de Educação em 1920, passaram pela reforma realizada por Fernando de Azevedo, responsável pela criação do Instituto de Educação, e atingiram “seu ponto mais alto na criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

-
- 4 Em 1942 o decreto-lei nº 12.511, de 21 de janeiro, reorganizou a faculdade, mas manteve as suas finalidades (cf. São Paulo, 1942).
 - 5 Sofre o papel de Fernando de Azevedo na sociologia educacional escreveu Willems: “Fernando de Azevedo vem incorporar-se ao número dos grandes sistematizadores da Sociologia. Predestinado como ninguém, pelo seu passado de organizador da instrução no Brasil, autor de uma reforma do ensino (do Distrito Federal) cujo décimo aniversário foi festivamente comemorado em 1938, ao mesmo tempo titular da cátedra de Sociologia Educacional da Universidade de São Paulo, Fernando de Azevedo reúne todos os requisitos para produzir uma obra tão extraordinária e rara que é esta ‘Sociologia Educacional’” (Willems, 1940, p. 215).

em 1934”, ou seja, tanto Doria quanto Fernando de Azevedo, ambos com presença ativa na trajetória de Willems na academia paulista, são figuras reveladoras das agendas que se formavam. No mesmo sentido, lembra que “da ação dos educadores, ressaltam-se ainda os esforços anteriores de introdução da sociologia na escola secundária e da divulgação de textos sociológicos” (Limongi, 1989, p. 138) e que as reformas educacionais foram fundamentais em São Paulo na institucionalização das ciências sociais. Em meio à difusão de textos sociológicos, os projetos de Willems da criação da revista *Sociologia*, em 1939, a enciclopédia *Leituras sociológicas* (Willems; Barreto, 1940) e o *Dicionário de etnologia e sociologia* (Baldus; Willems, 1939), bem como a tradução de textos de língua alemã (Mannheim, 1950), foram importantes para a divulgação sociológica para o ensino secundário e universitário.

Ao prestar a sua livre-docência, Willems entrou em contato de forma sistemática com uma série de autores brasileiros, fundamentais para o debate sobre pensamento social, como Alberto Torres, Gilberto Freyre, Papaterra Limongi, Monteiro Lobato, Oliveira Vianna, além do trabalho de Fernando de Azevedo. Conforme escreveu o autor em relato autobiográfico, desde os seus primeiros estudos em Brusque já vinha desenvolvendo um interesse pela literatura brasileira. Segundo Willems (1983, p. 6),

meus interesses intelectuais, no entanto, não ficaram restritos a problemas locais. Por intermédio de meu amigo Guilherme Renaux, cheguei a “descobrir” Alberto Torres, Oliveira Vianna e Gilberto Freyre cujo Casa-Grande e Senzala acabara de sair em primeira edição. Foi um mundo diferente e totalmente novo para mim, que assimilei com uma sofreguidão nunca antes experimentada.

Realizando um estudo “do fenômeno de instabilidade profissional” enquanto fornecedor de uma “base para uma ação educacional adequada”, Willems (1937, p. 6) analisou a mobilidade social na sociedade brasileira

para uma intervenção educacional. Importante ressaltar, aqui, que os estudos educacionais, na esteira do manifesto dos pioneiros da educação nova de 1932, com seu movimento de renovação educacional, também tinham um caráter de intervenção no sistema educacional, e o trabalho de Willems parece ir nesse sentido: mostrar como a instabilidade profissional se manifestava no Brasil, bem como assinalar a necessidade de uma ação educacional específica para estabilizar a ordem profissional. Se, a partir da década de 1940, Willems teve uma identificação acadêmica com a antropologia aplicada realizada nos EUA, até os anos 1930, e sob a influência de Fernando de Azevedo, considerava a sociologia educacional norte-americana “pragmática” e “imediatista” (Willems, 1940, p. 215).

Com o título de livre-docente em mãos, Willems assumiu o cargo de professor assistente de Filosofia Educacional, ministrada por Roldão Lopes de Barros, e, em 1939, passou a ser assistente em Sociologia da Educação, sob responsabilidade de Fernando de Azevedo. E foi com um decreto de 1938, no qual o Instituto de Educação foi incorporado à FFCL, criando assim a “seção de Educação”, que Willems passou a fazer parte do corpo docente da universidade. Pelo decreto, os professores do antigo instituto passaram a fazer parte da Universidade de São Paulo.

Em meio aos novos contatos acadêmicos que Willems passou a ter em São Paulo, é importante destacar sua participação na criação de duas sociedades distintas: a Sociedade de Etnografia e Folclore e a Sociedade de Sociologia, ambas criadas em 1936 junto ao Departamento de Cultura de São Paulo. Apesar da atuação de Willems aparecer de forma periférica, ele foi um dos sócios fundadores da Sociedade de Etnografia e Folclore.⁶ Nos arquivos dessa sociedade constam apenas algumas cartas

6 A Sociedade de Etnografia e Folclore foi criada em 1936 por Mário de Andrade, que estava à frente do Departamento de Cultura de São Paulo. A sociedade tinha como seus objetivos “orientar, promover e divulgar estudos etnográficos, antropológicos e folclóricos” (Sociedade de Etnografia e Folclore, 1938). Sobre a atuação da instituição, ver Valentini (2010).

de Willems datadas de 1937, em que apresenta dúvidas sobre um fenômeno observado enquanto ainda residia em Jacarezinho, e sobre o qual solicitava indicações bibliográficas a respeito.

Além de não ter uma atuação mais efetiva na Sociedade de Etnografia e Folclore, como é possível constatar pela análise dos documentos da instituição e pela consulta à bibliografia que versa a seu respeito, o próprio professor parece não atribuir a ela um papel de importância em sua passagem pelo Brasil. Em nenhum momento Willems cita a sociedade em seus relatos autobiográficos ou artigos; da mesma forma, a Sociedade de Sociologia não está presente nos escritos do autor. Nesta última, porém, a participação de Willems parece ter sido mais efetiva, inclusive pelo fato de ter ocupado cargos na instituição, como o de primeiro-secretário em 1939, bem como pela proximidade que tinha com Fernando de Azevedo, presidente da entidade no período. Isso torna o silêncio de Willems sobre suas relações com a sociedade bastante intrigante.

Antropologia em São Paulo: entre USP e ELSP

No início do decênio de 1940, um jovem de aparência e nome germânicos, cerca de 35 anos de idade, circulava entre a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo, e a Escola Livre de Sociologia e Política, da mesma cidade, ministrando aulas de Antropologia e de Economia Política, participando de reuniões de docentes, planejando e administrando programas de pesquisa de campo, utilizando intensamente as respectivas bibliotecas. Seu nome era Emílio Willems, com o prenome aporuguesado desde seu aparecimento na cidade. Falava um português fluente, correto e sem qualquer sotaque, ao contrário da maioria dos imigrantes da mesma origem; e exibia com tamanha autoconfiança seu conhecimento da língua vernácula que se dava o luxo de corrigir os erros gramaticais

e ortográficos dos trabalhos escritos dos alunos. Estes, a um tempo cheios de admiração e contrafeitos, discutiam sobre a naturalidade do Professor Willems. Pouco acreditando que houvesse imigrado da Alemanha já adulto e portador de formação universitária, propendiam a crer que fosse descendente de alemães, provavelmente natural de Santa Catarina, de onde viera para São Paulo, a quem os pais houvessem enviado à Alemanha para estudar (Nogueira, 1983, p. 4).

Esse trecho, escrito por Oracy Nogueira para abrir o livro sobre Emílio Willems para a coleção *Grandes Cientistas Sociais*, dá a tônica da atuação do professor nas instituições de ensino superior em São Paulo. Ao longo da década de 1940, Willems assumiu uma posição central no desenvolvimento e institucionalização da antropologia paulista. Ao assumir a recém-criada disciplina de Antropologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL-USP), e o também recém-criado curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP), ambos em 1941, assim como a fundação da revista *Sociologia* em 1939 e de seus estudos pioneiros, o professor se tornou uma figura-chave no período.

A bibliografia sobre a história das ciências sociais em São Paulo aponta como o seu desenvolvimento está marcado, desde sua origem, pela constituição das duas instituições de ensino superior nas quais Willems lecionou, ambas voltadas para a formação de profissionais na área: a ELSP e a FFCL (Limongi, 1989, p. 217). Mais do que isso, a literatura ressalta que houve uma clara diferenciação de um projeto acadêmico a partir de São Paulo, em que a então recém-criada Universidade de São Paulo elegeu como mestres os intelectuais franceses como protagonistas de um modelo de ensino enquanto na Escola Livre de Sociologia e Política teria sido instituída uma forma de pesquisa de forte influência norte-americana, cujos representantes teriam, naquele momento, também escolhido o Brasil enquanto objeto de reflexão. Ou seja: um modelo se apoiando na docência e o outro na pesquisa, “dois modelos contrastantes de ciências

sociais, tanto em termos dos paradigmas orientadores como também pela história da institucionalização das novas disciplinas” (Peixoto, 2001, p. 478). A presença de Willems nas duas instituições nos fornece um excelente contexto para analisar com mais vagar a forma como essa clivagem, tão relembada pela historiografia, considerada constituidora da institucionalização das ciências sociais no Brasil em um período fundamental, era de certa maneira “resolvida” na produção científica de um de seus principais intérpretes. O lugar ambíguo de Willems nessa historiografia (por um lado sempre lembrado como um intelectual-chave nesse processo e, por outro, alguém cuja obra não é de fato conhecida no país) torna-se elemento importante de investigação. Sobre essa dicotomia entre escolas e concepções, Willems se posicionou em diversos momentos. Segundo o professor,

verifiquei muitas vezes, com espanto, como os campos se dividem entre os jovens egressos das nossas escolas superiores. Aqui os “teóricos” que desprezam a “prática” equivalente, para muitos, à pesquisa. Mantêm-se, com ares de superioridade, no reino do “espírito puro”. Ali os “adversários” que labutam, orgulhosamente, no campo das “realidades práticas” e desdenham de todas as teorias que “nunca combinam com a prática”. O desprezo é mútuo e a incompreensão completa. Frequentemente, esse antagonismo coincide com outro que se acentua, a olhos vistos, entre os representantes de ciências “úteis” e ciências “inúteis”. Creio que esses sintomas refletem certas falhas didáticas na transmissão das ciências, particularmente das ciências sociais. Um dos primeiros conhecimentos que o estudante de Sociologia (e das demais ciências sociais) deve adquirir é o de que teoria e “prática” ou teoria e pesquisa são conceitos complementares e correlatos (Willems, 1946, p. 144).

Ou seja, a dicotomia entre os alunos egressos da USP e da ELSP relatada pela bibliografia, em que teoria de um lado e prática de outro pareciam

incompatíveis na concepção das ciências sociais, era confirmada com espanto pelo professor das duas instituições. A partir desse comentário sobre o antagonismo das escolas, a afirmação de Jackson (2009a, p. 184) de que Willems teria realizado uma espécie de “projeto ecumênico” parece corresponder à tentativa de Willems em ajustar essas “falhas didáticas na transmissão das ciências”, unindo teoria e pesquisa no ensino das duas instituições e na revista *Sociologia*.

Esse período em que passou a fazer parte das instituições paulistas também é fundamental na trajetória do professor, pois, como bem resalta Nogueira (1983), é uma nova fase nos estudos de Willems, com uma diversificação dos temas de suas investigações. Se até sua chegada ao Brasil Willems teria ficado restrito a estudos “clássicos”, concentrando-se na comunicação de massas e formas expressivas, a partir de sua instalação no país e, principalmente, como professor das duas instituições, há uma maior tendência aos estudos empíricos e com temas ligados ao rural, além do interesse pelos problemas educacionais, assimilação de imigrantes, entre outros. É uma época também marcada pela ampliação das fontes de inspiração teórica, o que consistiria na “maior familiaridade com a Sociologia francesa, graças ao contato com Fernando de Azevedo, e com os sociólogos e antropólogos norte-americanos contemporâneos dos quais Donald Pierson foi a fonte viva de informações; e na descoberta da literatura ensaística brasileira” (Nogueira, 1983, p. 30). Assim, mais uma vez, as diferenças entre as concepções europeias, norte-americanas e brasileiras se cristalizam em figuras e instituições diferentes, das quais Willems fez parte.

Além da dicotomia entre os modelos francês e norte-americano, Emílio Willems foi, sem dúvida, um dos autores responsáveis pela difusão de escritos sociológicos alemães no Brasil nas décadas de 1930 e 1940. Na bibliografia que compreende a recepção da obra de autores alemães no Brasil, a referência aos trabalhos de Willems aparece como ponto pacífico entre os especialistas como um dos primeiros autores

responsáveis por trazer ao circuito sociológico brasileiro as concepções em voga na Alemanha dos anos de 1920 (cf. Dias, 1974; Villas Bôas, 2006, 2014; Waizbort, 2007, entre outros). Como pontuou Villas Bôas (2006, p 20):

Não faz muito tempo, admitia-se que a sociologia brasileira era resultado de um casamento bem-sucedido entre a teoria sociológica francesa e o empirismo da pesquisa norte-americana. Agora parece que é a vez da sociologia alemã ocupar um lugar de destaque.

USP

Em 1941, Willems foi convidado por Fernando de Azevedo, recém-nomeado diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, para lecionar a disciplina de Antropologia que acabara de surgir, por lei federal, no currículo oficial das faculdades de filosofia.

Em 1º de julho de 1941, o interventor federal do estado de São Paulo publicou o decreto nº 12.038 (São Paulo, 1941), em que adaptou o regulamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo ao padrão federal estabelecido pelo decreto-lei nº 1.190, de 4 de abril de 1939 (Brasil, 1939). Nesse decreto federal, que visava a organização da Faculdade Nacional de Filosofia, atribuindo sua finalidade, constituição, organização de cursos ordinários e extraordinários, das cadeiras e do pessoal docente e administrativo, do regime escolar, entre outras atribuições da nova instituição, a disciplina de Antropologia apareceu como obrigatória do curso de Geografia e História, e na terceira série do curso de Ciências Sociais seria ministrada a disciplina de Antropologia e Etnografia. Assim, a antropologia, que desde 1936 vinha sendo ministrada intermitentemente como tema de programas de etnografia geral e de sociologia, passou a ser lecionada, após essa reestruturação, em caráter obrigatório nas seções de ciências sociais (2º ano) e geografia e história (1º ano) na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (Maciel;

Andrade; Vale, 1978). É nesse contexto que Willems recebeu o convite de Fernando de Azevedo para lecionar a nova disciplina, que ao longo da década sofreria novas modificações na estrutura da faculdade por força de decretos até ser declarada, pela lei nº 231, de 23 de dezembro de 1948 (São Paulo, 1948), a cadeira de número 49 da FFCL, vinculada ao novo Departamento de Sociologia e Antropologia.

Em 1943, Willems trocou uma série de considerações sobre como organizar os cursos de Antropologia e a terminologia a ser empregada com o professor responsável pela cadeira na Faculdade Nacional de Filosofia, Arthur Ramos. Sobre a separação característica da USP, Willems (1943b) escreveu:

Se entendi bem os dizeres da sua carta, o Sr. deseja a uniformização no sentido de dar à cadeira o nome de Antropologia e Etnologia. Estou de acordo com essa sugestão e, também, com a crítica que o Sr. faz à denominação “Antropologia e Etnografia”. Mas infelizmente a alteração de Etnografia para Etnologia não teria possibilidade de ser bem acolhida pelo C. T. A. desta Faculdade. A razão é simples. O nome da cadeira a cargo do prof. Plínio Ayrosa é “Etnografia e Língua Tupi-Guarani”, o prof. P. Ayrosa que está muito mais interessado em Linguística do que na outra parte de sua cadeira, dá realmente Etnografia e não Etnologia. A Antropologia é cadeira autônoma e está a meu cargo.

E continuou:

Esta divisão não é boa. No ano passado tentamos modificá-la, unindo a Etnografia Geral à antropologia. Embora houvesse acordo completo entre os professores, não foi possível realizar o plano devido a dificuldades de ordem burocrática. Confesso que não vejo possibilidade de solução. Mesmo se a denominação oficial passasse a ser “Antropologia e Etnologia” (com que eu pessoalmente concordo) a nossa situação praticamente não mudaria (Willems, 1943b).

Uma das particularidades da criação da disciplina e, posteriormente, da cadeira de Antropologia na FFCL, era a presença de uma cadeira de Etnografia e Língua Tupi-Guarani, regida separadamente. Se, até 1941, eram ministrados cursos de Antropologia de forma intermitente pelo Programa de Etnografia, a partir da criação da disciplina, e da criação do Departamento de Sociologia e Antropologia, as duas cadeiras passaram a ser regidas em departamentos separados. Em 1948, Willems escreveu para Felte Bezerra sobre a especificidade da faculdade:

Aqui há duas cadeiras, uma de etnografia e língua tupi e outra, de antropologia. Esta está integrada no Departamento de Sociologia e Antropologia, a outra não. Creio que isso torna os nossos programas imprestáveis para qualquer outro tipo de escola, pois damos uma multiplicidade de cursos, quase todos concentrados na secção de ciências sociais (cf. Dantas; Nunes, 2009, p. 164).⁷

Assim, o ensino de antropologia na FFCL foi moldado de forma única naquela instituição. Apesar do entendimento de que a separação entre etnografia e língua tupi-guarani e antropologia ser prejudicial ao ensino, as questões burocráticas e a política universitária prevaleceram. Além disso, conforme informa Egon Schaden, primeiro doutor formado em antropologia pela FFCL e que viria a assumir a cadeira com a ida de Willems aos EUA, a disciplina recém-criada por si só carecia de autonomia – o que seria remediado justamente com a atuação do seu colega. Segundo Schaden (2013),

essa disciplina de Antropologia não tinha lá muito sentido. Não tinha sentido porque até certo ponto ela era um derivado de Etnografia [ministrada sob responsabilidade de Plínio Ayrosa], mas não tinha

7 Carta de Emílio Willems a Felte Bezerra, 8 de maio de 1949.

um conteúdo próprio, a não ser que aparecesse um professor que lhe desse um conteúdo. [...] E apareceu o professor que era Willems [...]. O professor Willems conseguiu dar bastante consistência ao estudo de antropologia na Universidade de São Paulo.⁸

O *Anuário* da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL-USP) de 1939-1949 esclarece como deveria ser estruturada a disciplina. Segundo a publicação,

dada a natureza dos currículos em que a matéria se devia enquadrar, ficou assentado, desde o começo, que “Antropologia” devia ser compreendida no sentido lato, como Antropologia Cultural, e Física. Todos os programas posteriormente sancionados pelo Conselho Técnico Administrativo e pelas Congregações foram concebidos sobre essa base. Em uma de suas sessões, o C. T. A. resolveu estabelecer esse princípio para efeito de organização de programas, selecionaram-se, no vasto campo da Antropologia Cultural, os temas que mais intimamente se relacionassem com a realidade do país (*Anuário [...]*, 1953b, p. 659).

Dessa forma, o papel de Willems como professor responsável pela disciplina deveria ser dividido no ensino de antropologia cultural e física, montando um curso que desse conta de introduzir os principais pontos da antropologia, dialogando com a situação nacional. Assim, seguindo a orientação do CTA, Willems dividia seus cursos ministrando aulas de antropologia física no primeiro semestre e antropologia cultural no segundo, com três aulas semanais de cada. Sobre essa nova função, Willems se recordou de como recebeu o convite para lecionar antropologia cultural e física. Segundo o professor, a colaboração intensiva que

8 Entrevista em vídeo de Egon Schaden à Mariza Corrêa, realizada maio de 1984. Edição em vídeo do registro na íntegra do depoimento de antropólogos que participaram do projeto “História da Antropologia no Brasil (1930-1960)”.

tivera com Herbert Baldus desde 1939,⁹ pessoa com que Willems (1983, p. 6) afirmou ter aprendido “mais etnologia do que se poderia extrair do melhor dos manuais, pois ele irradiava a autoridade de um exímio pesquisador de campo que se impunha pelas experiências acumuladas em contato direto com sociedades indígenas”, o preparou para o ensino de antropologia cultural, mas a necessidade de lecionar antropologia física, uma matéria sobre a qual não sabia praticamente nada (Willems, 1993, p. 24), preocupava o professor. No entanto, “acostumado a aceitar tarefas nas quais não havia sido treinado” (Willems, 1993, p. 24), Willems resolveu aceitar o cargo por entender que a exigência era apenas para ensinar em um curso introdutório e não para treinar antropólogos profissionais. Assumida a nova função, Willems pôe-se a investigar os textos do período sobre o tema na literatura especializada.

A implementação da nova disciplina nos primeiros anos não deixou de apresentar problemas, não só pela inexperiência do docente, mas pela falta de estrutura universitária. Como ressalta o *Anuário*, as atividades didáticas da disciplina foram fortemente prejudicadas em antropologia física até 1943, dada a “falta absoluta de instrumentário de antropometria e peças osteológicas” (Anuário [...], 1953b, p. 659). Apesar de o *Anuário* ressaltar que essa falha pôde ser corrigida e que “as condições gerais de ensino e de pesquisa melhoraram consideravelmente” nos anos posteriores, foram apenas adquiridos alguns compassos e aparelhos de medição “indispensáveis aos exercícios práticos que deviam acompanhar os cursos da Disciplina” (Anuário [...], 1953b, p. 659), e não foi possível instalar um

9 Florestan Fernandes narrou uma anedota interessante sobre a banca da defesa de sua dissertação que mostra bem a relação dos dois professores alemães. Escreve Florestan: “O professor Baldus, que funcionou como meu orientador e era um especialista sobre os tapirapés, endossou plenamente os resultados de minha investigação. Na defesa de tese, ele chegou a interromper um dos examinadores, para dizer: ‘Oh, Willems! Que bobagem! Bem se vê que você nunca viu um índio!’” (Fernandes, 1978, p. 86).

gabinete de antropometria na Universidade. Em 1947, Willems recorreu ao Departamento de Física da faculdade para pedir auxílio na construção e empréstimo de equipamento para o laboratório de antropologia física. Em carta ao diretor do Departamento de Física, Gleb Wataghin, Willems agradeceu pela construção que o departamento realizou, a seu pedido, de um craniógrafo para ser utilizado nos estudos antropológicos. Escreveu Willems (1947):

Em vista das extraordinárias dificuldades com que é preciso lutar, em nosso meio, para se obter o instrumentário para trabalhos antropométricos, é sobretudo confortadora a compreensão e a boa vontade com que o Departamento de Física, dirigido por V. S., se prontificou a fornecer o referido aparelho.

Além disso, há no arquivo da Faculdade de Física o recibo do empréstimo de um suporte Bunsen assinado por Willems ([194?]), sem data. Se Willems não conseguiu o laboratório de antropometria, bem diversa era a situação da cadeira de Etnografia e Língua Tupi-Guarani. O Museu de Etnografia, ligado à cadeira de Plínio Ayrosa, teve um incremento considerável em seu acervo no período. Segundo o *Anuário* da faculdade, em 1939 o museu contava com setecentas peças e, em 1949, o número já era próximo de 1.500 (*Anuário* [...], 1953b, p. 552). Mesmo sendo o ensino da antropologia física, tal como concebido pelo Conselho Técnico-Administrativo (CTA) da faculdade, considerado indispensável, as diferenças de tratamento dada a ela e à etnografia revelam a desigualdade da força política universitária que o sistema de cátedras propiciava.

O sistema de cátedras tal qual implementado pela USP oferecia um poder extraordinário aos professores catedráticos. Além de total autonomia, esses professores contavam com uma vaga no CTA da faculdade, e poderiam nomear os seus professores assistentes, que, “sendo [...] de confiança imediata do catedrático”, poderiam ser dispensados a qualquer

momento por indicação (São Paulo, 1942). Além disso, como ressaltado por Mariza Corrêa (2013, p. 139), era um sistema patriarcal, em que homens assumiam a posição catedrática enquanto as mulheres assumiam a posição de professoras assistentes. A questão de gênero permeia algumas reflexões do período de desenvolvimento da FFCL e que perpassam a trajetória de Willems na instituição. Conforme aponta Miceli (1989, p. 79), para compreender a predominância de estudantes mulheres nos cursos de Ciências Sociais da USP deve ser levado em consideração a constituição do “mercado acadêmico”. Nesse sentido, a lembrança de um ex-aluno sobre um comentário de Willems em sala de aula não deixa de ser carregada de significado. Segundo Oliveiros Ferreira (1988, p. 20), os doze alunos que cursavam a disciplina, “rapazes e moças assustados com a figura imponente de Emílio Willems”, teriam ficado preocupados com a frase do alemão: “Antes de comentar as provas e dar as notas, gostaria de dizer que esta escola não é escola-de-espera-marido”.

Segundo Willems, nos semestres designados para o ensino de antropologia física ele costumava lecionar antropometria com práticas e elaboração estatísticas de dados, a evolução com fundamentos de genética humana e o estudo descritivo das raças modernas. Para tanto, o professor exigia dos alunos a leitura de textos em inglês e francês, “pois em português nada existe que possa ser usado em um curso superior” (cf. Dantas; Nunes, 2009, p. 164).¹⁰ Dentre a bibliografia indicada encontram-se *Les hommes fossiles*, de Marcellin Boule (1921), *Up from the ape*, de Ernest Hooton (1946), *Introduction to physical anthropology*, de Ashley Montagu (1945), e *Apes, giants and man*, de Franz Weidenreich (1946). Além desses livros adquiridos pela biblioteca da universidade, Willems indicava a leitura do *American Journal of Physical Anthropology*, um dos mais prestigiosos periódicos da área, já que “no terreno da paleontologia

10 Carta de Emílio Willems a Felte Bezerra, 8 de maio de 1949.

humana há novidades a todo momento é naturalmente preciso estar a par da literatura monográfica e periódica” (cf. Dantas; Nunes, 2009, p. 164).¹¹ Conforme documentado no *Anuário* da faculdade, “no ensino da Antropologia Física visou sobretudo três grupos de problemas: o homem fóssil, o condicionamento genético da evolução humana e a divisão racial da humanidade atual” (*Anuário* [...], 1953b, p. 660). É possível afirmar que em 1947 Willems dedicou grande parte do curso às práticas de antropometria e à elaboração estatística dos dados (desvio-padrão e coeficiente de variação), e em 1948 deu maior atenção ao estudo fóssil e à questão da evolução humana (*Anuário* [...], 1953b, p. 660).

O segundo semestre dos cursos dedicados à antropologia cultural tinha como principal objetivo o estudo dos contatos culturais, tanto no Brasil como no exterior. Sobre a produção antropológica internacional o professor recomendava a leitura de monografias estrangeiras. De acordo com o *Anuário* que descreve as atividades da FFCL referentes ao período 1939-1949, justamente os anos em que Willems era o professor responsável pela disciplina, e que apresenta o histórico e desenvolvimento dos cursos da faculdade:

Diante da importância crescente dos contatos sociais que se estabelecem entre povos racial e culturalmente diversos, desenvolveu um vasto programa, visando o estudo objetivo dos contatos raciais e culturais. Foram examinados, em aulas e seminários, aspectos gerais do problema, sobretudo as questões de conflito, preconceito racial, miscigenação, aculturação e assimilação. Permanecendo relativamente constante esta parte do programa, a outra, dedicada ao estudo de determinadas áreas de contato, variou de ano para ano, visando a apresentação de novos resultados de pesquisas, à medida que se tornavam públicas. Examinou a situação cultural e racial do Negro

11 Carta de Emílio Willems a Felte Bezerra, 8 de maio de 1949.

em diversos países da América, principalmente nos Estados Unidos e Brasil. As áreas de contato da África meridional e oriental foram estudadas mormente sob o ponto de vista da industrialização e destribalização dos nativos. Grande parte do curso foi dedicada à análise da situação do mestiço na Índia e nas colônias holandesas. A aculturação multilateral no arquipélago de Havai e entre os Maori da Nova Zelândia constituiu outra parte do programa desse curso. Finalmente, por diversas vezes, estudaram-se os problemas principais da aculturação do imigrante, do índio americano e do judeu, em várias áreas de contato (Anuário [...], 1953b, p. 659-660).

Nota-se, com isso, como os estudos sobre mudanças culturais foram fundamentais nos primeiros cursos da disciplina. A bibliografia selecionada pelo professor contava, em antropologia cultural, com “os compêndios de Lowie, Boas, Linton, John Gillin, Chapple and Coon, particularmente o de Herskovits, *Man and his works*, New York, 1948”, que, segundo o professor, “servem muito bem” para introduzir os alunos no estudo da disciplina. O problema, aqui também, seriam textos sobre a etnografia no Brasil, “pois não há um livro que realmente corresponda às necessidades do ensino”, sendo apenas indicado o *Handbook of South American Indians*, “cujos volumes 3 e 4 são quase inteiramente dedicados a índios brasileiros” (cf. Dantas; Nunes, 2009, p. 164-165).¹²

A resenha que Willems publicou sobre um desses compêndios com os quais trabalhava em sala de aula é reveladora quanto à bibliografia de seus cursos. Em primeiro lugar, a apresentação do professor revela como a literatura em língua francesa era mais acessível do que a original em inglês. Além disso, mostra como o professor utilizava materiais didáticos recentes para o estudo antropológico. Sobre o livro de Lowie, escreveu:

12 Carta de Emílio Willems a Felte Bezerra, 8 de maio de 1949.

A primeira edição deste livro é tão conhecida que dispensa quaisquer palavras de apresentação. A tradução francesa (da casa Payot) a colocou ao alcance do estudante brasileiro que dela hauriu os conhecimentos fundamentais de Antropologia cultural. Agora o conhecido professor da Universidade da Califórnia apresenta uma nova edição cujo objetivo principal é, segundo suas próprias palavras, principalmente didático. A julgar pela coordenação da matéria e a clareza da linguagem, será difícil encontrar um compêndio melhor que este. A antropologia é uma das ciências que se tem desenvolvido com rapidez. Obras mais antigas só podem ser usadas com extrema reserva e um espírito crítico de que o principiante em busca de uma orientação geral, não dispõe (Willems, 1941a. p. 353).

Para Willems, a bibliografia antropológica deveria se concentrar, pelo menos para os alunos iniciantes, em obras recentes e que estivessem atualizadas com o rápido desenvolvimento da antropologia enquanto disciplina acadêmica. A utilização dos chamados “autores clássicos” seria deixada de lado pelo professor, que preferia a utilização de compêndios recentes e com foco nos iniciantes. Florestan Fernandes (1978, p. 79) narrou uma conversa sobre o assunto na qual Willems teria dito: “Florestan, deixe disso. O importante são os autores dos nossos dias. Os autores que preocupam você já morreram, eles não têm mais importância”.

Sobre o interesse dos alunos pelo estudo dos clássicos, Willems criticou o ensino de sociologia no Brasil:

No Brasil, como nos demais países sul-americanos, predomina a orientação histórica no ensino universitário da Sociologia. Aham os mestres dessa ciência que o caminho mais adequado para se iniciar no estudo da sociedade, conduz pelas obras dos grandes pensadores do século passado e, não raro, dos chamados “precursores” da Sociologia científica. Ser versado em Sociologia significa, portanto, conhecer as obras de Saint-Simon, Comte, Condorcet, von Stein, Marx, Hegel, Tarde,

Durkheim, Simmel, Ward, Small, Giddings e outros; significa não somente assimilar o conteúdo de cada obra em particular, mas conhecer também as influências que alguns desses autores exerceram sobre outros, o agrupamento de determinados pensadores em “escolas”, a influência dessas escolas sobre a “época” ou vice-versa, da “época” sobre as escolas, os antagonismos entre escolas e pensadores isolados e muitos outros aspectos ainda de menor importância. Nessa maneira de ensinar a Sociologia facilmente se descobre uma afinidade com a didática da Filosofia e, particularmente, da Literatura. Adquire-se, assim, voando “desinteressadamente” pela estratosfera do espírito, uma “alta cultura” sociológica que, semelhante a qualquer outra cultura desinteressada, dificilmente comporta inquirições “pragmáticas” sobre o “para quê” ou “qual a aplicação” (Willems, 1946, p. 143).

O *Guia* da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de 1943, o único exemplar do período em que Willems esteve à frente da disciplina na faculdade que consegui localizar, é revelador dos conceitos trabalhados pelo professor em sala de aula. Naquele ano, Willems lecionou dez tópicos e realizou um exercício prático com os alunos, tanto para o curso de Ciências Sociais como para o curso de Geografia e História. O professor deu aulas de:

- 1 – A Antropologia: conceito e delimitação
- 2 – O problema de formação das raças
- 3 – Raça, mentalidade e cultura
- 4 – Seleção e peneiramento
- 5 – Contatos raciais e culturais
- 6 – Exemplos de cruzamentos raciais
- 7 – O problema do negro na América
- 8 – Aculturação e assimilação
- 9 – Conflitos raciais e culturais: o homem marginal
- 10 – A assimilação dos imigrantes no Brasil

Exercícios práticos: estudos aculturativos no Estado de São Paulo (Guia [...], 1943, p. 179-180).

Uma fonte interessante para termos uma melhor compreensão do conteúdo e do formato das aulas de Willems na faculdade é o relato de Antônio Cândido, que foi seu aluno em vários momentos, desde o curso no Instituto de Educação até os seminários para os doutorandos da universidade. Em depoimento para Heloisa Pontes, Cândido (2001, p. 20-21) lembrou da importância das aulas de Willems em sua própria formação:

Willems era um professor claro, objetivo e muito informado. Fui seu aluno no chamado “cursinho”, o Curso de Didática que constituía o 4º ano e dava o título de licenciado aos bacharéis. Em 1942, ele passou a reger a recém-criada disciplina de Antropologia e eu o substitui como assistente de Fernando de Azevedo. O assistente dele foi Egon Schaden. Em 1942 e 1943 frequentei o seu seminário de doutorado, pois havia escolhido antropologia como uma das duas matérias subsidiárias do antigo curso de doutorado. Foi um momento importante na minha formação. Éramos quatro candidatos: Gioconda Mussolini, Egon Schaden, José Francisco de Camargo e eu. Nós nos reuníamos uma vez por semana das 5 às 7 e fazíamos relatórios de leitura, comentados muito bem por Willems, a quem devo a iniciação num tipo de bibliografia que foi a que mais me inspirou no domínio dos estudos sociais e teve influência decisiva na minha tese. Como pressuposto, ele recomendava a leitura de *O homem (The study of man)*, de Ralph Linton. Com ele lemos Redfield, Melville Herskovits, Irving Hallowell, Raymond Firth, Malinowski, Evans Pritchard, Radcliffe-Brown. Naquele tempo este ainda não tinha publicado nada além do clássico *The Andaman Islanders*, e Willems nos trazia os artigos dele em separatas de revistas inglesas e americanas... Fiquei marcado pelo funcionalismo, me apeguei ao conceito de estrutura, que depois transpus da antropologia para a crítica literária. O seminário de Willems foi decisivo para nós quatro. Nos anos 50 ele foi para os Estados Unidos como professor da Universidade de Vanderbilt e por lá ficou.

A partir dos relatos e documentos apresentados acima sobre a bibliografia utilizada por Willems em seus cursos de Antropologia na USP, não podemos deixar de notar a quase ausência de referencial teórico francês. Tirando um livro de antropologia física, e o comentário do professor sobre o alcance que a obra de Lowie traduzida para o francês tinha entre os estudantes brasileiros, não encontramos referência a nenhuma outra obra de autores franceses nos programas dos cursos que ele elaborava. Interessante, nesse sentido, que, ao escrever sua autobiografia para Oracy Nogueira, Willems (1983, p. 3) tenha feito questão de mencionar a influência que o francês Marcel Mauss teria tido em sua formação no período em que esteve na França em 1928. Se o professor realmente tinha em Mauss uma referência nos estudos antropológicos, ela não aparece na bibliografia empregada por ele. De fato, essa única menção ao nome do antropólogo francês em relato de 1983 parece ser mais uma prestação de contas posterior de Willems, associando-se a um dos nomes mais proeminentes da antropologia francesa. Afinal, as narrativas autobiográficas “não são simplesmente atos de resgate, mas de reconstrução do passado a partir de referenciais atuais” (Silva, 2015, p. 178).

Ao observarmos a configuração do curso e a bibliografia envolvida, a ideia corrente de que a USP seria o *locus* da formação acadêmica de tradição francesa no Brasil parece ser relativizada, ao menos no caso das concepções teóricas de um de seus maiores expoentes no período de institucionalização das ciências sociais. Caso distinto dos cursos de Sociologia e Filosofia da faculdade, em que a presença de professores franceses se deu de forma duradoura, sendo a presença francesa na filosofia uspiana tão proeminente que o departamento é designado por Paulo Arantes (1994) como “um departamento francês ultramar”, com um modelo de formação fortemente fundamentado na leitura de autores franceses. Na antropologia a situação parece ter se desenvolvido de forma diferente.

O programa do curso de 1943 é um bom exemplo de como a disciplina tinha entre suas preocupações o ensino prático, com a indicação

de uma bibliografia não exclusivamente francófona. Naquele ano, por exemplo, foram executados exercícios práticos com os alunos sobre aspectos aculturativos no estado de São Paulo, tema de reflexão que podia ser debatido sob a perspectiva de uma outra tradição de pesquisa, como a norte-americana (Guia [...], 1943). No entanto, não é apenas o referencial teórico da FFCL que seria associado aos franceses, mas o modelo institucional adotado na faculdade. Como afirma Miceli (1989, p. 81), “a hierarquia acadêmica que se vai constituindo nas duas primeiras décadas de funcionamento foi sendo modelada por docentes estrangeiros treinados nas regras e costumes da competição acadêmica europeia (e francesa em particular), todos eles empenhados em instaurar um elenco de procedimentos, exigências e critérios acadêmicos de avaliação, titulação e promoção”, e é nesse sentido que a antropologia da universidade em sua primeira década deve ser encarada como ancorada no modelo francês.

A escolha do nome de Willems para primeiro professor da disciplina de Antropologia da faculdade apresenta novos contornos se se leva em conta o relato que Mário Wagner Vieira da Cunha fez ao lembrar de seu percurso institucional. Segundo Cunha, era ele, e não Willems, que teria recebido o primeiro convite para assumir a posição na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. O professor, que era assistente de Sociologia na FFCL, rememora:

E lá [na FFCL da USP] eu fui convidado pelo diretor Alfredo Ellis Jr. para substituir o professor que havia deixado a cátedra de Antropologia. Como precisava estudar mais antropologia, consegui uma bolsa e fui para os Estados Unidos. Naquele tempo, uma das universidades que mais se destacava no ensino da antropologia era a universidade de Chicago, a concepção de antropologia era uma síntese de diferentes cadeiras – linguística, antropologia física, antropologia cultural, etnografia, arqueologia – de modo que eu tive que trabalhar nesses

5 campos, e não deu para fazer tudo em um ano, que eu prorroguei para quatro anos de estudo.

Quando voltei, o diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras já era outro, e o cargo tinha sido preenchido por outro professor, Emílio Willems. Então vi que já não tinha mais chance, naquele tempo havia uma cátedra só (Cunha, 2001, p. 177).

A partir desse relato, temos algumas questões interessantes sobre a nomeação do professor e sobre a criação da nova disciplina. Apesar de Alfredo Ellis Jr.¹³ (1896-1974) ter sido diretor da faculdade entre 1939 e 1941, ano da criação da nova disciplina, e não haver “professor que havia deixado a cátedra de Antropologia”, já que até 1948 não existia uma cátedra, mas se tratava de uma disciplina que só teve início de forma permanente no segundo semestre de 1941, é possível especular sobre os motivos da nomeação de Willems, que desde 1937 mantinha relações acadêmicas e de amizade com Fernando de Azevedo, diretor da FFCL, que o alçou ao cargo. Um dos professores que ministrou aulas de antropologia quando esta ainda estava vinculada ao Departamento de Etnografia e Língua Tupi-Guarani no primeiro semestre de 1941 foi Mário Wagner Vieira da Cunha. O professor, aliás, deixa transparecer ao longo de seus relatos alguns ressentimentos com Emílio Willems, tanto por este ter assumido o cargo de professor de antropologia da USP quanto pelo trabalho realizado sobre a cidade de Cunha, o que revela a existência de uma rixa entre grupos distintos da academia paulista. Ao relatar as correntes de propostas de ensino na época, Cunha (2008, 273) ressaltou em entrevista que “Willems realmente foi uma dessas grandes contribuições que tivemos, de elementos estrangeiros, que sem dúvida alguma tinham uma formação e que contribuíram”, para, em seguida, contrapô-lo a Baldus,

13 Alfredo Ellis Jr. ingressou em 1938 enquanto docente da cadeira de História da Civilização Brasileira da Universidade de São Paulo e assumiu, no ano seguinte, a direção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

deixando no ar uma crítica. Diz o professor: “Ele [Willems] e o Baldus são mais ou menos semelhantes, com uma diferença: Baldus é um indivíduo formado de fato. Porque há muitos desses estrangeiros que chegam aqui, alardeiam coisas e coisas, e não são nada” (Cunha, 2008, p. 273). Essa provocação em relação à formação de Willems persiste ao longo da entrevista. Ao ser estimulado pelos entrevistadores a comentar a influência de Willems, que, conforme Cunha dizia, não tinha formação como Baldus, o antropólogo brasileiro afirmou desconhecer a formação de Willems. Ao ser informado pelos entrevistadores que Willems era professor primário em Santa Catarina, respondeu “Professor primário, pois é” (Cunha, 2008, p. 275), aparentando desdém pela formação dos professores não universitários. Ao ser informado que Willems era doutor em filosofia na Alemanha, Cunha emendou: “É uma coisa que tem de averiguar” (Cunha, 2008, p. 273). Apesar de ter afirmado que Willems fez um trabalho bom e que “era um bom professor, [...] muito dedicado aos alunos e os ajudava muito nas pesquisas” (Cunha, 2008, p. 273), fica a impressão de que a relação entre os dois estava permeada por disputas políticas e acadêmicas veladas. A filiação de Willems ao grupo de Fernando de Azevedo, com quem Mário Wagner Vieira da Cunha tinha grandes discordâncias, bem como por ter feito carreira na posição para a qual esse último se preparava para assumir, tendo realizado uma pesquisa na mesma comunidade visitada pelo intelectual alemão, são elementos reveladores sobre as disputas institucionais do mundo acadêmico do período.

ELSP

No mesmo ano em que assumiu a disciplina de Antropologia na FFCL, Willems foi convidado por Donald Pierson para compor o corpo docente do primeiro curso de pós-graduação em ciências sociais do Brasil. Pierson, que estava à frente do Departamento de Sociologia e Antropologia da Escola Livre de Sociologia e Política, convidou os alemães Willems e

Baldus – ambos com o título de “PhD”,¹⁴ condição essencial para a criação do curso de pós-graduação – a integrar o corpo docente daquela instituição. Segundo Pierson, Willems era “excelente professor e pesquisador que, logo depois de conhecê-lo, recomend[ou] à Diretoria [que] fosse acrescentado ao corpo docente da Escola, onde ele serviu com distinção” (Corrêa, 2013, p. 263). A criação do Departamento de Sociologia e Antropologia “visando preparar estudantes para o grau de ‘Mestre em Ciências’” teria, entre outras diretrizes, “preparar estudantes para estudos mais adiantados e para pesquisas” e “dirigir pesquisas sobre os problemas fundamentais da vida social” (Willems, 1941b, p. 61), ou seja, a pesquisa de campo teria uma importância central na formação dessa instituição. Para a obtenção do título de mestre, foi ressaltado que o aluno deveria apresentar uma tese “que não deverá limitar-se a um exercício literário, mas provar a aptidão e a capacidade para a pesquisa científica ainda que apenas semi-independente” (Willems, 1941b, p. 61), ressaltando o caráter empírico esperado pela instituição em detrimento dos textos “literários”.

Conforme recordou Willems, a então curta história da escola, que havia sido fundada em 1933, era marcada pela luta constante por fundos adequados. Apesar de ganhar, ali, o que considerava pouco, Willems pôde largar as aulas do secundário, somando o ordenado de professor da USP, e focar sua carreira apenas no ensino e pesquisa universitários.

Ao comentar o papel da ELSP nas ciências sociais de São Paulo, a bibliografia especializada é unânime em atribuir a Donald Pierson destaque à frente da instituição. O próprio Willems, ao se referir ao diretor da escola, atribui a Pierson uma posição de destaque no campo científico brasileiro daquela época. Segundo Willems, seu colega Pierson, dentre “todos os cientistas sociais estrangeiros, convidados para lecionar em São Paulo, deixou a impressão mais profunda e duradoura” (Corrêa, 2013, p. 321).

14 A forma de apresentar Willems na maioria dos seus livros publicados era como PhD.

Se Willems teve um papel importante na difusão, no Brasil, de uma corrente da sociologia e antropologia praticadas nos EUA, foi certamente Pierson o maior responsável por colocar o intelectual alemão “em contato com as obras pioneiras da antropologia social realizadas nos Estados Unidos” (Corrêa, 2013, p. 321). Da mesma forma, a historiografia das ciências sociais aponta Pierson como principal expoente da chamada Escola de Chicago e da sociologia americana que foi produzida no Brasil, especialmente através das discussões dos chamados estudos de comunidade. Como nos lembra Villas Bôas (2006, p. 76), a respeito da relação entre os dois professores,

o encontro de Willems e Pierson não me parece fortuito. Trata-se de um encontro de pontos de vista próximos, afins, que refletem uma vertente do pensamento sociológico na qual as interações, relações e ações de agentes sociais constituem o ponto de partida de estudos concretos.

Durante os anos em que lecionou na ELSP, Willems foi o professor de matérias como Assimilação e Aculturação no Brasil Meridional (1941, 1942, 1943, 1944, 1945, 1946), Economia (1941), Organização e Desorganização Social (1944, 1945, 1946), e Aculturação de Alemães no Brasil (1944, 1945, 1946). Por meio de um rápido levantamento dos temas abordados por Willems em suas aulas é possível perceber como sua atividade docente estava diretamente relacionada com suas pesquisas. Ao contrário de algumas aulas que lecionou na FFCL, nas quais teve que estudar especialmente para ensinar os alunos iniciantes, aqui o professor já tinha familiaridade com o material, fruto de suas pesquisas. Enquanto na USP, como aponta Limongi (1989, p. 223), não havia pós-graduação, mas “tão somente a possibilidade de fazer o doutoramento sem orientação sistemática”, a ELSP era “inteiramente voltada para o desenvolvimento de áreas de pesquisa”, o que fez com que a proficiência de Willems na segunda instituição aparecesse de forma mais clara.

Apesar de relatar que a escola era afetada pelos poucos recursos, a instituição foi uma das principais fomentadoras de diversas pesquisas do professor. As pesquisas no interior e litoral paulistas obtiveram o apoio da ELSP, não só com recursos financeiros, mas com recursos humanos. Diversos alunos da escola acompanharam o professor como assistentes de pesquisa para serem treinados em campo, como mostro adiante.

A relação entre Willems e a ELSP não ficou restrita à passagem do professor pela instituição na década de 1940. Mesmo após a ida de Willems aos EUA, o pesquisador retornou ao Brasil em algumas oportunidades, realizando pesquisas de campo. Durante essas passagens, a escola recebeu o antigo professor, que lecionou cursos e contou novamente com o apoio da instituição em suas pesquisas. Além disso, a revista *Sociologia*, que até o final da década de 1940 era dirigida por Willems, após o afastamento do professor passou a fazer parte da ELSP.

Revista *Sociologia*

Uma das contribuições mais conhecidas de Willems, bem como das mais abordadas na literatura brasileira sobre o alemão, é a criação da revista *Sociologia* (Alves, 1993; Jackson, 2004; Limongi, 1987; Neuhold, 2014; entre outros). A criação do periódico em 1939, em parceria com Antenor Romano Barreto, é um marco importante na consolidação das ciências sociais em São Paulo. Como mostram Jackson (2004) e Limongi (1987), que estudaram a revistas científicas da época, a primeira fase de *Sociologia* (1939-1947), período em que Willems foi editor, é reveladora de sua atuação. Segundo os autores, a revista foi responsável pela aproximação de Willems com Baldus e Pierson, além de Roger Bastide, e de colaboradores mais jovens, como Florestan Fernandes, Gioconda Mussolini e Antônio Cândido. Conforme escreveu Willems, *Sociologia* conseguiu, graças à colaboração regular de Baldus e Pierson, alcançar um nível respeitável e que correspondia, de certa forma, à fase de desenvolvimento em que

se encontrava a sociologia e a antropologia social no país (Corrêa, 2013, p. 322). Além disso, segundo Jackson (2007, p. 118), “*Sociologia* expressou a liderança exercida até meados dos anos de 1950, nas ciências sociais paulistas, por Donald Pierson e Emílio Willems”. Para o pesquisador, “os periódicos serviriam, a partir de então, como lastro às lideranças acadêmicas consagradas nesse momento”, o que também poderia ser verificado com Baldus na *Revista do Museu Paulista* a partir de 1947 e com Schaden e a criação da *Revista de Antropologia* em 1953 (Jackson, 2007, p. 118).

A atuação de Willems à frente da revista *Sociologia* – dirigida por ele até 1950 – é exemplar de como as noções alemãs e norte-americanas se articularam na atuação do professor para desenvolver uma antropologia brasileira. A revista *Sociologia* é um exemplo interessante de como a passagem de Willems nos três países em que se formou e atuou – Alemanha, Brasil e Estados Unidos – se materializou na prática científica do período, reunindo aspectos das ciências sociais germânicas e norte-americanas e construindo uma agenda de pesquisa inovadora. Villas Bôas (2006), ao analisar a recepção da sociologia alemã no Brasil, nos chama a atenção para a importância do papel de Willems à frente da revista. Nela, Willems foi responsável pela divulgação de diversos autores alemães no campo acadêmico brasileiro e, durante o período em que esteve na direção, o número de referências bibliográficas alemãs supera o dos diversos outros países. Se, conforme aponta Villas Bôas, um dos caminhos para a chegada no Brasil durante a década de 1940 e 1950 do trabalho de sociólogos alemães que ocupavam um lugar de destaque nas primeiras décadas do século nas cidades de Berlim, Kiel e Colônia foi justamente a revista *Sociologia* (Villas Bôas, 2006, p. 75), Willems foi uma figura-chave nesse contexto. Ao mesmo tempo, o caráter empírico proposto pelos editores da revista, com o objetivo de “incentivar, mediante suas seções de consultas e pesquisas, “o ‘trabalho de campo’, a observação direta e a investigação de fatos concretos” (Aos nossos [...], 1939, p. 7), ressoa a visão das ciências sociais produzidas nos EUA até então. Ou seja, vemos como

as concepções de ciências sociais alemã e norte americana se concretizam na revista que pretendia lançar “os fundamentos de uma **Sociologia Brasileira**” (Villas Bôas, 2006, p. 75).

Da mesma forma que a revista *Sociologia*, a criação de dois dicionários brasileiros por Willems – um de *Etnologia e Sociologia* (1939) em parceria com o também alemão Baldus e o de *Sociologia* criado anos mais tarde (Willems, 1950a) – mostra como a influência alemã e norte-americana se apresentaram na atuação do professor para a institucionalização da antropologia no Brasil. Apesar de não atribuir de forma direta a influência de Alfred Vierkandt, seu orientador de doutorado alemão, na criação do dicionário, uma vez que Vierkandt havia realizado empreitada semelhante na Berlim dos anos 1920, podemos traçar paralelos entre o movimento de Willems e o de seu antigo professor. René König (1987), colega de Willems nas universidades alemãs da década de 1920, nos mostra em *Soziologie in Berlin um 1930* como o *Handwörterbuch der Soziologie* de Vierkandt (1931) teve um papel fundador nas disciplinas alemãs. No entanto, ao mesmo tempo que a criação dos dicionários brasileiros tem influência do ambiente acadêmico alemão, o seu conteúdo é composto, em sua maioria, de verbetes de conceitos e de autores americanos.

Ao analisarmos as publicações de Willems desde sua imigração ao Brasil, a importância da criação da revista *Sociologia*, não só para o ambiente acadêmico da época, mas para a própria carreira de Willems, chama a atenção. Até 1939, o professor publicou quase que a totalidade de seus artigos na *Revista do Arquivo Municipal* de São Paulo. Antes da criação de *Sociologia*, o periódico do Arquivo Municipal aparece como o principal difusor de artigos, mostrando como era escassa a oferta de revistas acadêmicas especializadas. A *Revista do Arquivo Municipal*, “considerada [...] como um veículo de divulgação do conhecimento científico e cultural, principalmente das atividades realizadas pelo Departamento de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo” (Claro, 2008, p. 1), marcou presença no incipiente mercado editorial paulista, sendo um

importante meio de reconhecimento acadêmico. Vimos anteriormente que Willems esteve associado, ainda que periféricamente, à Sociedade de Etnografia e Folclore, sociedade vinculada ao Departamento de Cultura de São Paulo. Publicando de forma sistemática na *Revista do Arquivo Municipal* entre 1937 e 1941, Willems passou, a partir do início da década de 1940, a publicar seus trabalhos em outros periódicos, principalmente, mas não somente, na *Sociologia*.

Além de fornecer à academia e ao próprio Willems uma nova oportunidade de publicações, a revista *Sociologia* parece ter criado uma nova dinâmica de publicações por parte de seu diretor fundador. A produção de Willems à frente da revista é tão intensa que ele mesmo parece ter se esquecido de muitos de seus artigos publicados pelo periódico. Em um exame das listas de publicações que acompanham os relatos autobiográficos de Willems¹⁵ é possível constatar que vários dos artigos escritos pelo professor para *Sociologia* são deixados de fora.

Ao analisarmos a relação de Willems com um de seus mais célebres alunos no período em que foi professor no Brasil, podemos ter ideia da importância da revista *Sociologia*. O primeiro contato entre Willems e Florestan Fernandes foi precisamente através do periódico. Fernandes foi, a pedido de Roger Bastide, apresentado a Willems para que pudesse publicar em *Sociologia* parte do trabalho que tinha realizado enquanto aluno de primeiro ano para a disciplina de Sociologia I sobre o Folclore em grupos infantis na cidade de São Paulo (“Folclore e grupos infantis” – v. 4, n. 4, 1942; “Educação e cultura infantil” – v. 5, n. 2, 1943; “Aspectos mágicos do folclore paulistano” – v. 6, n. 2-3, 1944). Florestan Fernandes é outro intelectual que, dessa forma, relata a grande contribuição de Willems à frente da revista *Sociologia*. Segundo Fernandes (1977, p. 162), “pela primeira vez vi qual era a diferença entre o ‘amador’ e o ‘profissional’,

15 Ver apêndice 2.

o 'aprendiz' e o 'mestre'; e creio que aproveitei bem a lição, que iria servir de ponto de referência no meu modo de entender e praticar a pesquisa empírica sistemática como sociólogo". Além disso, Fernandes atribui a Willems, entre outros autores, as primeiras tentativas de sistematização dos conhecimentos sociológicos no Brasil, empreendidas com o propósito de contribuir para o progresso da teoria sociológica. Além de *Sociologia*, estariam o *Dicionário de Etnologia e Sociologia* (Balduz; Willems, 1939), o *Dicionário de Sociologia* (Willems, 1950a), e a publicação *Leituras sociológicas* (Willems; Barreto, 1940) no rol de obras de compilações do professor que demonstra a preocupação na sistematização de conceitos sociológicos no contexto acadêmico brasileiro. A publicação de *Leituras sociológicas* visava colocar o leitor brasileiro em contato com obras da literatura sociológica internacional, entendendo que predominava no Brasil a tradução de apenas algumas obras francesas em um mercado editorial incipiente. Ainda em relação ao aprendizado desse primeiro contato, afirmou Florestan Fernandes (1978, p. 10-11):

O contato com o professor Willems, que não havia sido meu mestre até então, foi muito importante. A crítica da técnica de investigação foi ele quem fez. Ele já tinha experiência anterior; estudou os alemães no sul do Brasil, conhecia as técnicas de pesquisa de campo usadas pelos americanos e, de outro lado, como tinha origem alemã e estudou em universidade alemã, possuía outra base teórica para criticar aquelas técnicas. Para mim isso foi muito interessante. Pude salvar uma parte do material enquanto a outra deixei como estava, porque não tinha como refazer toda a pesquisa. Esse episódio foi muito importante para mim porque, já no primeiro ano de curso, a experiência no trato com o material empírico foi aprofundada de uma maneira que não era comum. [...] eu saí um pouco de tendência do estudante de ficar preso a certos livros e descobri que a pesquisa é instrumental para o trabalho intelectual: a teoria se constrói através da pesquisa.

Se atentarmos para o editorial presente em uma das primeiras edições de *Sociologia*, publicado em 1939, vemos como as preocupações de Willems citadas por Florestan estavam enunciadas:

“SOCIOLOGIA” é revista e compêndio a um tempo. Entendendo que uma ciência tão ligada à realidade social e à necessidade de observação e investigação incessantes, não pode ser condensada apenas em livros, resolvemos dar-lhe uma apresentação mais plástica, suscetível de ser renovada e aperfeiçoada continuamente. Além de proporcionar ao estudante o contato com a matéria dos programas oficiais, “SOCIOLOGIA” pretende incentivar, mediante suas seções de consultas e pesquisas, o “trabalho de campo”, a observação direta e a investigação de fatos concretos para lançar, deste modo, os fundamentos de uma **SOCIOLOGIA BRASILEIRA**, isto é, uma Sociologia das realidades sociais do nosso país (Aos nossos [...], 1939, p. 7).

Notamos, aqui, como as preocupações do professor com as técnicas empíricas do trabalho de campo estavam enunciadas pelo editorial da revista e na própria concepção de ensino e pesquisa de Willems. Dessa forma, como sugerido por Jackson (2009b, p. 185):

Não é demais lembrar que a fase de maior aproximação entre a USP e a ELSP, diretamente relacionada com a presença de Emílio Willems, foi determinante para o desenvolvimento futuro do projeto acadêmico e do programa de pesquisas liderado por Florestan Fernandes à frente da Escola Paulista de Sociologia, nas décadas de 1950 e 1960. O sociólogo percebeu naquele momento que o alcance de uma pesquisa coletiva ultrapassava muito qualquer empreendimento individual e, também, que a fundamentação empírica de uma análise sociológica deveria ser extremamente rigorosa.

Desenvolvo, a seguir, como Willems iniciou os seus estudos empíricos no estado de São Paulo. Afinal, o professor descobriu “que estava mal

preparado para realizar pesquisas empíricas”, a participação nas duas instituições e o contato com as pesquisas fizeram com que ele aprendesse “mais do que em todos os [s]eus cursos universitários” (Willems, 1983, p. 6). Considerando-se que Willems foi determinante para o futuro desenvolvimento do projeto acadêmico que vigoraria na academia paulista das décadas seguintes, procuro mostrar em que consistiam os trabalhos de campo do professor.

Alguns trabalhos de campo

Durante o período em que atuou à frente das instituições de ensino superior na capital paulista, Willems realizou uma série de pesquisas de campo no interior e litoral do estado de São Paulo, todas elas “relacionadas com os assuntos básicos do curso” (Anuário [...], 1953b, p. 660). Destaco a seguir algumas considerações sobre a presença de Willems em campo que, como mencionado anteriormente, tiveram importância central no entendimento do pesquisador sobre o caráter empírico das ciências sociais e para a academia brasileira.

Em 1941, Willems realizou, em companhia de Baldus, uma viagem ao Vale do Ribeira para investigar a aculturação dos imigrantes japoneses na região. Sobre a pesquisa de campo, Willems (1941d) escreveu empolgado a Fernando de Azevedo:

Aqui, os nossos trabalhos estão-se desenvolvendo muito bem. O material colhido já é muito grande, mas os dados a serem colhidos aumentam à medida que se vai aprofundando o estudo. O que se dá no Sul, pode ser observado também aqui: O problema da aculturação é extremamente complexo. É só com uma turma de pesquisadores mais ou menos treinados que se consegue trabalhar satisfatoriamente. Creio que é o primeiro “field work” de caráter sociológico e organizado que se está fazendo no Brasil.

Apresento como Willems se utilizou dos conceitos de aculturação e procurou realizar as referências metodológicas dos trabalhos que conhecia na literatura. Ressalto, aqui, a compreensão de Willems sobre a magnitude do estudo de campo para o desenvolvimento da reflexão científica, bem como a maneira como considerava que, para um trabalho desse tipo, seria essencial um conjunto de pesquisadores treinados. Se, como dito anteriormente, Willems defendeu a ideia de que a investigação coletiva deveria dar a tônica de projetos de maior envergadura empírica, o trabalho de campo no município de Registro (SP) deu ao pesquisador a primeira noção de como organizar um “field work”. Acompanhado por Lavínia Costa Villela, aluna do curso pós-graduado e assistente de Sociologia da Universidade de São Paulo, Rui Rodrigues, aluno do segundo ano do curso subgraduado, o professor Yozo Yawata, intérprete e pesquisador social, e Barbara B. Hadley, aluna da Universidade do Brasil, os professores puderam realizar um amplo trabalho de campo e ensinar na prática como realizar uma pesquisa. Esse trabalho de campo mostrou a Willems, também, como um estudo amplo, com a utilização de um “ecletismo crítico”, seria essencial para a pesquisa. Segundo o professor,

o apego dogmático a qualquer “escola” esteriliza, imediatamente, qualquer esforço produtivo. O “sadio ecletismo crítico” é, a meu ver, a única atitude que realmente nos convém. Aliás, sempre combati uma separação rígida destas disciplinas chamadas “Sociologia”, “Antropologia”, “Etnologia”, “Etnografia”, etc. Estou inteiramente do lado de Boas e Herskovits quanto à distinção de Sociologia e Antropologia. Esse meu ponto de vista não é apenas fruto de reflexões dedutivas, mas de trabalhos de campo. Um estudo “apenas” antropológico ou “apenas” sociológico não pode produzir resultados satisfatórios, como verifiquei mais uma vez na minha última expedição ao Vale do Ribeira onde estudei a colonização nipônica (Willems, 1941e).

Em 1945, Willems realizou aquele que seria o seu trabalho de campo de maior envergadura e que resultaria no seu trabalho mais comentado pela literatura nacional: o estudo de comunidade do município de Cunha. Willems (1993, p. 28) considerava o estudo de Cunha como um dos eventos mais significantes de sua carreira profissional.

Em sua primeira viagem ao campo, Willems (1945b) escreve as primeiras impressões a Fernando de Azevedo:

Há quinze dias que estou em Cunha ligando o útil ao agradável, quer dizer, trabalhando e veraneando. Estive primeiro em Minas, Estado que pouco conhecia. Viajei por Juiz de Fora, Barbacena para ficar alguns dias em São João. Na viagem para cá passei por Lavras conhecendo dessa maneira o sul de Minas. Foi um passeio muito agradável. No dia 5 comecei as minhas pesquisas aqui em Cunha, cidadezinha antiga, a mais de mil metros acima do mar, com clima extraordinário e uma paisagem deslumbrante.

Escolhi Cunha por ser um município que até 1930 esteve muito isolado conservando formas culturais que em outras zonas do Estado já desapareceram. Quis também medir o tipo físico que depois de quase duzentos anos de intercasamentos deve ser bastante homogêneo. As famílias antigas da vila são todas aparentadas. Na zona rural, a situação é semelhante. Aliás, o município é enorme e as distancias grandes. Ontem, por exemplo, passei mais de oito horas na sela. Medi mais de cem pessoas e colhi um material interessante que revela sobretudo a influência predominante na religião. Em 1932 construiu-se a primeira estrada de rodagem a Guaratinguetá. Desde então, a mudança das formas culturais anteriores vem se acentuando cada vez mais. E é justamente essa mudança que pretendo estudar. Através dos processos de individualização, secularização e desorganização social. Pareceu-me que o material colhido apresenta margem para um estudo nesse sentido. Os alunos que estão comigo estão aproveitando bastante. Quarta-feira voltarei a São João del-Rei para buscar a minha família. No princípio de fevereiro estarei de volta.

Notamos aqui como se deu o primeiro contato do pesquisador com o campo. A justificativa da escolha da comunidade por seu suposto isolamento (fato que será um dos motes das críticas aos estudos de comunidade), o projeto para averiguar tanto as mudanças culturais quanto físicas, sendo essas apresentadas como essenciais ao projeto de pesquisa na comunidade, mas que foram excluídas das edições posteriores da obra. Além disso, citou o aproveitamento dos alunos que ajudavam na pesquisa. Segundo Willems (1983, p. 8),

inspirado pelos trabalhos de Robert Redfield na Península de Yucatán, México, resolvi verificar as hipóteses propostas pelo exímio antropólogo de Chicago, numa comunidade tradicional de São Paulo. Escolhi Cunha porque a vila, depois de longo período de isolamento, estava passando por uma fase de mudanças culturais do tipo que Redfield havia observado no México. Realizei o trabalho de campo em 1945 e 1946, em companhia de Gioconda Mussolini, Florestan Fernandes, Alceu Maynard de Araújo, Carlos Borges Schmidt e Paulo Florençano, colaboradores dedicados e inteligentes, alguns dos quais, anos depois, vieram a ocupar lugares de grande distinção nas ciências sociais.

A escolha do trabalho no município de Cunha, explicada tanto nas cartas que escreveu no período como na própria justificativa teórica da pesquisa, por seu suposto isolamento, é interessante por revelar a predileção da localidade para a condução de estudos sociológicos e etnográficos na academia paulistana naquele período. A escolha de Cunha para diversas pesquisas também ajuda a compreender as disputas institucionais nas quais Willems esteve envolto no período, já mencionadas no início deste capítulo. Se a pesquisa de Willems repercutiu nos estudos posteriores do município, como no trabalho de Campos (2012), bem como no de Shirley (1977), entre outros, um contemporâneo de Willems vislumbrou, assim como ele, a realização de um estudo de comunidade em Cunha. O professor Mário Wagner Vieira da Cunha relatou que tinha iniciado suas

pesquisas no município antes de ir estudar nos EUA em 1941 e que realizaria o seu doutorado em Chicago com um estudo da comunidade, sob a perspectiva teórica de Redfield, a mesma utilizada por Willems (Cunha, 2008), tendo publicado um artigo introdutório nos *Anais* do “IX Congresso de Geografia e História”, intitulado “O povoamento do município de Cunha” (Cunha, 1944). Essa suposta coincidência na escolha da comunidade para as pesquisas de ambos é um aspecto interessante nessa cizânia entre os professores. Como Willems chegou à escolha de Cunha não está documentado. Não sei precisar se o professor teve contato com a cidade a partir dos estudos de Mário Wagner Vieira da Cunha, se seu aluno Oracy Nogueira, natural do município, acabou por influenciar essa escolha, ou se foi algum outro motivo que o levou àquele município específico. A essa pergunta de como chegou a Cunha, realizada por uma de suas alunas em uma das passagens do professor de volta ao Brasil, Willems apenas respondeu, anedoticamente: “De ônibus” (Consorte; Pereira; Torres, 2010, p. 6). De toda forma, não deixa de ser curiosa a escolha do município por mais de um pesquisador por seu suposto isolamento, ainda mais na década de 1940.

Um incidente relatado por Willems (1993) em uma de suas autobiografias é interessante para compreendermos melhor o ambiente de pesquisa em Cunha. Conforme recordou o pesquisador, enquanto se locomovia no lombo de cavalos entre os diversos pontos de pesquisa do município, Willems encontrava apenas mulheres e crianças nas residências que visitava. Curioso com a total ausência de homens, o pesquisador foi informado da visão que os interlocutores tinham do pesquisador. Em prática semelhante à relatada por Monteiro Lobato em *Urupês*,¹⁶

16 “Em matéria de civismo não sobe de ponto. – Guerra? Te esconjuro! Meu pai viveu afundado no mato pra mais de cinco anos por causa da guerra grande. Eu, para escapar do ‘reclutamento’, sou inté capaz de cortar um dedo, como o meu tio Lourenço” (Monteiro Lobato, 1961, p. 287).

os homens de Cunha, ao verem a aproximação de Willems e ao ficarem sabendo das medidas antropométricas que o pesquisador realizava, escondiam-se na mata, acreditando que ele era um oficial do exército, realizando medidas para a confecção de uniformes militares e que, em breve, seriam enviados para a Itália nos esforços brasileiros na Segunda Guerra Mundial. A visão dos cunhenses de que Willems era um oficial do exército brasileiro, e não um estrangeiro, é curiosa, e demonstra como o pesquisador já estava bem adaptado ao português e aos costumes brasileiros. Situação bem diversa é descrita, por exemplo, por José de Souza Martins sobre Robert Shirley, pesquisador americano que realizou estudo de comunidade em Cunha nos anos 1970. Segundo o prefácio de Martins, Shirley era descrito pelos habitantes de Cunha como um “alamãozinho” [sic] (Martins, 1977, p. 20). Relembrando outro conto de Monteiro Lobato (2007), “Espião alemão”, em que em uma pequena cidade interiorana um americano é confundido pela população local por um espião alemão, a preocupação da guerra adentrava nos municípios rurais paulistas.

O fato de, durante a realização da pesquisa, Willems ter sido visto como agente do exército é revelador de um aspecto curioso da relação que se estabeleceria entre pesquisador e pesquisados, assim como é interessante a repercussão que a publicação do livro sobre o estudo em Cunha tem na literatura sobre a história das ciências sociais: como mais um “causo”, assim como a multidão de cunhenses que foi protestar pela publicação do livro. Segundo consta no relato de aluno da época, a FFCL teria sido cercada por moradores da cidade de Cunha, que teriam vindo de ônibus da cidade para protestar contra a publicação do livro de Willems. Segundo relatado por João Baptista Borges Pereira (Consorte; Pereira; Torres, 2010), Oracy Nogueira teria contado que moradores de Cunha teriam se reunido em frente à praça da Escola Caetano de Campos exigindo uma explicação do porquê de Willems ter revelado “as intimidades das famílias”. Oracy Nogueira, nascido em Cunha, teve

que aplacar a ira do prefeito e dos habitantes da cidade, e tentou explicar que se tratava de um trabalho científico, mas ouviu como resposta: “Oracy, você é cunhense e devia se envergonhar, porque na verdade, o professor Willems colocou Cunha de cuecas na rua” (Consorte; Pereira; Torres, 2010, p. 7).

Esse relato, apesar de não poder ser confirmado em nenhum outro depoimento ou por jornais da época, dá pistas interessantes sobre como o estudo foi recebido e reeditado pelo autor nas edições seguintes. Segundo Martins (1977, p. 21-22), grande parte da discórdia gerada em torno da aceitação dos próprios habitantes de Cunha girou em torno exatamente da forma depreciativa como era vista a caracterização de “caipira” no senso comum. Martins, que atribui a Willems a primeira tentativa sistemática de se estudar a cultura caipira, aponta a utilização do termo como motivo principal para a população da cidade se sentir exposta. Em um artigo em que ressalta a abordagem pioneira de *Cunha*, Judas Tadeu de Campos (2012) orienta-se no mesmo sentido. Ao avaliar a repercussão da obra, Campos (2012, p. 336) afirma que a pesquisa de Willems foi uma das maiores contribuições para a compreensão da cultura caipira e, mesmo com a importância desse grupo para a formação do modo de vida paulista, tanto o senso comum como a classe intelectual do próprio estado passaram a considerá-la como um modo de vida primitivo, que deveria desaparecer para o bem do progresso da nação. Fosse o problema a caracterização dos habitantes como caipiras ou não, Willems mudou o nome da cidade nas publicações seguintes. Cunha virou Itaipava, e a segunda e terceira parte do livro – as relativas aos dados antropométricos e achados arqueológicos – foram tirados da publicação comercial. Se em 1948 o estudo fora publicado pela Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, em 1961 o trabalho ganhou uma versão descrita pelo autor como “comercial” pela Difusão Europeia do Livro.

Ao longo das décadas de 1930 e de 1940, Willems realizou uma série de viagens¹⁷ ao litoral dos estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro, mas foi entre 1946 e 1948, após sua pesquisa em Cunha, que intensificou suas pesquisas com viagens ao litoral desses três últimos estados, principalmente São Paulo, que resultariam em sua publicação sobre a Ilha de Búzios (Willems; Mussolini, 1952). Segundo o *Anuário* da FFCL, foram três viagens destinadas a um estudo exploratório e à aquisição de uma visão de conjunto da região costeira. Os trabalhos de campo, de natureza intensiva, foram realizados na Ilha de Búzios abrangendo, de forma similar ao estudo de Cunha, uma análise relativa ao tipo físico dos caiçaras (Anuário [...], 1953b). Sobre as viagens ao litoral, escreve Willems (1983, p. 8) em uma de suas autobiografias:

A região toda, naturalmente fora das cidades, estava então bastante isolada, oferecendo oportunidades únicas para investigar a tradicional cultura híbrida, assim como as mudanças que se estavam processando. Em julho de 1947 dirigi-me à Ilha de Búzios, em companhia de Gioconda Mussolini e dois estudantes avançados.

Notamos, a partir de uma análise das pesquisas de Willems no litoral, como a preocupação de isolamento presente no estudo de Cunha ainda justificava a investigação. Isso a despeito do fato de que, na publicação do estudo em versão inglesa em 1951, ou seja, depois da grande repercussão de seu estudo de comunidade em Cunha, Willems afirmasse que o que seria um estudo sobre o isolamento da comunidade se tornou um estudo sobre o contato cultural, já que a ilha “se diferencia, muito menos do que se supunha, de certas comunidades da ilha de São Sebastião e do litoral

17 Parte dessas viagens foi realizada em companhia de Carlos Borges Schmidt, e as fotografias podem ser encontradas no acervo do Museu da Imagem e do Som (MIS), em São Paulo.

em frente” (Willems; Mussolini, 2003, p. 14). O grupo de pesquisa para esse estudo era composto pelo médico Oscar Rezende de Lima e por Iris Koehler, ambos graduados pela ELSP, instituição que financiou a pesquisa, bem como por Gioconda Mussolini, que nesse período já se especializava no campo de estudos sobre a cultura caiçara.¹⁸ É interessante e revelador das estruturas de prestígio no campo acadêmico do período que Willems figure como autor “em colaboração com Gioconda Mussolini”. A especialista em cultura caiçara era, afinal, justamente Mussolini.

18 A pesquisa da professora Gioconda Mussolini pode ser amplamente consultada no Arquivo IEB-USP, acervo “Estudos pioneiros sobre os caiçaras de Ilha Bela”, DRP018.